

Artigo recebido em
20/03/2014
Aprovado em
11/04/2014

**Rogério Eduardo
Rodrigues Bazi**
bazi@puc-campinas.edu.br
Doutor, pesquisador
e professor na
PUC-Campinas

**Ivete Cardoso do
Carmo Roldão**
ivetecardosoroldao@gmail.com
Doutora, professora
na PUC-Campinas

Fabiana de Oliveira Benedito
fabi.oliveira.91@hotmail.com
Jornalista

A entrevista no Jornal Nacional: uma análise comparativa na corrida presidencial de 2014

Rogério Eduardo Rodrigues Bazi, Ivete Cardoso do Carmo
Roldão e Fabiana de Oliveira Benedito

Resumo

O presente estudo se propôs a pesquisar, por meio da análise descritiva e comparativa, quatro entrevistas dos candidatos à presidência do Brasil nas eleições de 2014 – Aécio, Campos, Dilma e Marina – no Jornal Nacional, da Rede Globo, a fim de identificar como foi a condução no que se refere ao tema/enfoque, tempo e o modo de formulação das perguntas; a maneira como foram feitas as interrupções; além de observar as variações na postura verbal/corporal dos apresentadores. Para tanto, além de utilizar as transcrições das entrevistas, elaborou-se um instrumento de coleta de dados para descrição em cada uma das quatro entrevistas. Foi possível observar que foi um equívoco do Jornal Nacional ter realizado as entrevistas, por tratar-se de um telejornal informativo, e que os apresentadores estiveram longe da objetividade, tão pregada no exercício do jornalismo.

Palavras-chave

Jornalismo, Entrevista, Jornal Nacional.

Abstract

The aim of this study was to search through descriptive and comparative analysis four interviews of candidates for the presidency of Brazil in the 2014 elections – Aécio, Campos, Dilma and Marina – at the Jornal Nacional, Rede Globo, in order to identify how was driving with respect to the topic/focus, time and manner of formulation of the questions; the way the interruptions were made; and to observe the changes in verbal posture/body of the presenters. Besides using the transcripts of the interviews, was conducted a data collection instrument for description on each of the four interviews. It was observed that was a mistake of the Jornal Nacional have conducted the interviews, for it is an informative and television news presenters were far from objectivity, as preached in the exercise of journalism.

Keyword

Journalism, Interview, Jornal Nacional.

A série de entrevistas realizadas pelo Jornal Nacional (JN) com os candidatos à presidência da República, inicialmente prevista para ser realizada entre os dias 11 e 14 de agosto de 2014, com os candidatos Aécio Neves (PSDB), Eduardo Campos (PSB), Dilma Rousseff (PT) e Pastor Everaldo (PSC), foi reagendada devido à morte do candidato Eduardo Campos, em um acidente aéreo ocorrido em Santos (SP) no dia 13 de agosto, um dia após ter concedido a entrevista ao JN. As duas últimas entrevistas foram remarcadas para os dias 18 e 19, respectivamente. No dia 27 do mesmo mês foi realizada a última entrevista da série, com Marina Silva, que, de vice na chapa de Campos, passou a ser a candidata do PSB. Cada entrevista teve duração de 15 minutos.

Além do debate sobre o desempenho de cada candidato por correligionários e membros da oposição dos diversos partidos políticos, o que sempre ocorre em períodos eleitorais, a referida série foi tema de diversas críticas pela condução dos apresentadores William Bonner e Patrícia Poeta, inclusive gerando artigos na imprensa, em especial no que se refere à entrevista da presidente, então candidata à reeleição, Dilma Rousseff.

Assim, este artigo se propõe a fazer uma análise descritiva e comparativa de quatro dessas entrevistas – Aécio, Campos, Dilma e Marina – para identificar como foi a condução no que se refere ao tema/enfoque, tempo e o modo de formulação das perguntas; a maneira como foram feitas as interrupções; além de observar também as variações na postura verbal/corporal dos apresentadores.

Para tanto, além de utilizar as transcri-

ções das entrevistas, disponíveis no site do JN, foi elaborado um instrumento de coleta de dados para descrição, a partir dos itens elencados acima, de cada uma das quatro entrevistas.

A proposta do JN com essa série, como apresentado pelo próprio William Bonner, na introdução da entrevista de Aécio Neves, a primeira a ser realizada, foi “abordar aqui [bancada do JN] os temas polêmicos das candidaturas e também confrontar os candidatos com o seu desempenho em cargos públicos”. Esse objetivo foi repetido com textos semelhantes na introdução de todas as entrevistas.

Aspectos conceituais da entrevista

Caracterizada como um dos requisitos mais importantes para a obtenção de informações no jornalismo (BAHIA, 1990), a entrevista, segundo Altman (1995, p. 26), “transforma o cidadão comum em líder, dono da palavra, professor, uma pessoa incomum”. É a voz do entrevistado no jornalismo que deve prevalecer ao invés do entrevistador.

Ao considerar a apresentação de William Bonner no início da primeira entrevista, nota-se que ela pode ser classificada, de acordo com Medina (2008), entre os subgêneros da compreensão-afundamento, como uma entrevista de “confrontação-polemização”, quando

temas polêmicos onde se presente a chamada semente da discórdia ou, mais do que isso, em que se visualizem ambiguidades e contradições que se estabelecem sobre o fato, os veículos de comunicação coletiva apelam para o debate, a mesa-redonda, o

painel, o simpósio ou seminário.
(MEDINA, 2008, p.17)

A partir dessa citação, pode-se apresentar a primeira interrogação: será um telejornal, que tem um tempo limitado e uma proposta editorial informativa, o espaço adequado para fazer uma entrevista dessa importância com candidatos à presidência da República?

Medina (2008, p. 18) explica, na sequência dessa definição da entrevista “confrontação-polemização”, que “o jornalista deve denotar habilidade de mediador, instigador e investigador, porta-voz de dúvidas do senso comum: a coordenação do debate é sua atitude específica”.

Nesse caso, o “debate” se deu entre os apresentadores do Jornal Nacional e os candidatos. O que se opõe ao pensamento de Barbeiro e Lima (2002, p. 86), quando afirmam: “Entrevista não é debate. É ne-

É a voz do entrevistado que deve prevalecer, não a do entrevistador

cessário tomar cuidado para que um bate-boca não confunda o telespectador. Ela não é um confronto de opiniões entre o jornalista e o entrevistado”.

E aí se coloca a segunda questão: é adequado a um jornalista, apresentador de um telejornal, se expor de tal forma a ponto de que a entrevista se confunda com um debate ou até mesmo podendo ser confundida com o perfil de condenação?

O perfil da condenação também compõe a classificação da entrevista de Medina (2008). Nesse caso, é um subgênero da espetacularização:

Muito utilizado no setor policial do jornalismo, força a entrevista para que “bandido” seja implicitamente condenado (raras vezes, isso se desloca para o policial). **Ideologicamente pautada pelo maniqueísmo e julgamento apriorístico, este perfil trata o ser humano dentro da redução mocinho/bandido**¹. (MEDINA, 2008, p. 16)

Além de compreender a entrevista a partir da classificação de Medina (2008), é importante fazer algumas observações específicas sobre a entrevista no telejornalismo. Barbeiro e Lima (2002) explicam que “a entrevista em televisão tem o poder de transmitir o que o jornalismo impresso nem sempre consegue: a exposição da intimidade do entrevistado” (p. 84).

Mas no que se refere a essa série de entrevistas, a exposição foi dos apresentadores/entrevistadores, evidenciando gestos, olhares, tom de voz e mudanças no semblante de acordo com cada entrevistado. Barbeiro e Lima (2002, p. 87) reforçam: “É importante nunca perder o sangue-frio. A entrevista é um verdadeiro duelo jornalístico com o entrevistado”.

Nesse sentido, Kyrillos, Cotes e Feijó (2003, p. 46) reforçam que “a comunicação oral não depende exclusivamente dos elementos verbais, mas inclui também elementos não-verbais: voz, articulação, modulação, ritmo de fala, gestos, expressão facial”. As autoras ainda complementam que “por mais natural que o profissional

¹Grifo dos autores.

pareça, o que ocorre no vídeo é a recriação, imitação, da fala espontânea, num processo semelhante ao dos atores [...]” (p. 71).

Outra questão importante que resultou em muitas críticas foi o tamanho das perguntas elaboradas pelos apresentadores. Em relação a isso, Barbeiro e Lima (2002) expõem: “A pergunta tem que ter tamanho certo, suficiente para que o telespectador entenda o assunto. Alguns entrevistadores falam tanto sobre o assunto que acabam respondendo à própria pergunta” (p. 84).

Os autores explicitam ainda que não se deve interromper o entrevistado antes que ele conclua o pensamento. Em relação às interrupções feitas por William Bonner e Patrícia Poeta aos candidatos, em maior ou menor quantidade, expomos outra dúvida: como a elaboração e conclusão do pensamento do entrevistado poderiam não ser cortadas em uma entrevista de apenas 15 minutos?

E isso levando em consideração a lógica de elaboração dos telejornais. O próprio Bonner (2009, p. 17) explica que “o Jornal Nacional tem por objetivo mostrar aquilo que de mais importante aconteceu no Brasil e no mundo naquele dia, com isenção, pluralidade, clareza e correção”. Ou seja, em um período de aproximadamente 30 minutos deve-se colocar no ar todas as principais notícias, portanto, sem aprofundamento e contextualização que possam gerar reflexões futuras sobre os temas apresentados. “Quando dizemos que o JN deve mostrar o que de mais importante aconteceu num determinado dia, nós estamos deixando bem clara qual é a vocação do Jornal Nacional: os temas factuais” (BONNER, 2009, p. 19). Assim reforça-se a ideia de que a entrevista não é a vocação do JN.

Além disso, Pereira Jr. (2000) alerta que “na sua atividade diária o jornalista trabalha com representações ideológicas, palavras, informações, dados, opiniões e atitudes que são as que a empresa adota”. Assim, não se pode analisar essa série de entrevistas, em especial a condução dos apresentadores do Jornal Nacional, sem levar em consideração toda a proposta editorial do telejornalismo da Rede Globo.

Análise das entrevistas

Aécio Neves – 11.08.2014

A primeira entrevista, de Aécio Neves (PSDB), teve 14m58s, pois ele terminou as considerações finais dois segundos antes. Foram feitas dez perguntas, divididas entre os temas, que serão expostos a seguir, bem como o tempo que cada um ocupou:

- Economia/medidas impopulares: redução de gastos públicos e fim da defasagem de tarifas (tempo: 3m23s);

- Corrupção, envolvendo dois aspectos: polarização PT x PSDB e o caso Eduardo Azeredo (tempo: 2m19s);

- Questão do aeroporto construído pelo candidato na cidade de Cláudio-MG, próximo a terras da família do candidato. Em relação ao assunto foi enfocada a legalidade e se não havia um constrangimento ético por tal ato (4m18s);

- Os programas sociais da atual gestão do Governo Federal, questionando se o candidato aprovava esses projetos (tempo: 1m38s);

- Projetos no governo de Minas Gerais questionando a relação do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de Minas Gerais, em relação à baixa classificação no ranking dos estados brasileiros. A questão social/gestão do governo mineiro continua sendo abordada na pergunta sobre saúde,

que cobra que não houve investimentos do estado e sim da união (tempo: 2m10s);

- Considerações finais/propostas (tempo: 1m09s).

A metade (cinco de dez) das perguntas feitas ao candidato Aécio Neves remete direta ou indiretamente à gestão petista. As perguntas, no total, ocuparam 4m03s da entrevista, ou seja, quase um terço. A pergunta com maior tempo foi feita por William Bonner, na qual ele questionou a construção do aeroporto, com total de 1m08s, entre os quais 50 segundos foram utilizados para introdução e contextualização e apenas 18 segundos foram efetivamente para a pergunta.

A primeira pergunta já apresenta um tom de confronto com o candidato. Após fazer toda uma contextualização de medidas econômicas que serão necessárias de acordo com analistas, que não são nominalmente citados e nem ao menos à que instituição pertencem, o apresentador pergunta dando ênfase ao advérbio “não”: “O senhor não vai fazer essas medidas que os economistas defendem? Ou o senhor está procurando não mencionar essas medidas, porque elas são impopulares?”.

Outro momento que merece destaque na entrevista é quando o apresentador faz crítica à gestão da saúde em Minas Gerais, baseando-se na opinião de analistas, pela segunda vez, sem citar fonte. Além disso, esse é o único momento em que há uma referência positiva na pergunta à gestão do atual Governo Federal: “No entanto, os analistas que se debruçaram sobre investimentos públicos na saúde de Minas afirmam que isso foi muito mais resultado de investimentos da União e de municípios do que do Estado”.

Entretanto, a questão ética e moral, ao

fazer referência ao aeroporto construído em Cláudio-MG, foi a que mereceu maior destaque, seja pelo tempo utilizado, quase um terço da entrevista, seja pela ênfase da pergunta e também pelo número de interrupções ao candidato: “O senhor considera republicano construir um aeroporto que poderia ser visto como um benefício para a sua família, no mínimo, por valorizar as terras dela?”, e complementa após a resposta do candidato: “E o senhor tem algum tipo de constrangimento ético pelo fato de ter utilizado essa pista quando visitou a fazenda da sua família?”. Depois, interrompendo a resposta, reforça: “Usar um aeroporto que foi construído pelo estado de Minas Gerais para visitar uma fazenda sua. Isso não lhe constrange?” E mais uma vez: “Para fechar essa questão: o que vale mais, uma fazenda com um aeroporto ao lado ou uma fazenda sem um aeroporto ao lado?”.

Cinco das dez perguntas foram feitas por William Bonner e cinco por Patrícia Poeta. O candidato é interrompido quatro vezes, sendo que uma delas pode ser considerada indevida, pois ocorre logo no início da resposta.

Em relação à postura dos entrevistados, não foram observados momentos de tensão ou mesmo de indelicadeza, embora a entrevista tenha apresentado momentos de confronto de dados ou ideias. É importante expor que os dois jornalistas, em momentos distintos, balançam a cabeça afirmativamente, como quem concorda com a avaliação negativa que o candidato tucano faz da atual gestão do Governo Federal. Em diversos momentos, William Bonner apresenta as perguntas de forma muito pausada, como se estivesse pensando para elaborá-las. E, ao final, Patrícia Poeta agradece ao candidato sorrindo,

num clima que pode parecer de confraternização.

Eduardo Campos – 12.08.2014

A segunda entrevista da série foi a do então candidato Eduardo Campos (PSB), com 15m02s. Foram feitas 11 perguntas, divididas entre os seguintes temas:

- Economia, envolvendo investimentos e cortes dos gastos públicos (tempo: 4m38s);
- Ética/nepotismo, abordando nomeação da mãe do candidato no Tribunal de Contas da União (TCU) e de primos no Tribunal de Contas do Estado (TCE) de Pernambuco (tempo: 4m05s);
- Contradições entre a posição do candidato e da então vice, Marina Silva, em relação a questões do meio ambiente/votação do código florestal (tempo: 2h49s);
- Coerência do candidato, já que houve sua participação nos governos Lula e Dilma (tempo: 2h15s);
- Considerações finais/ propostas (tempo: 1m14s).

Observa-se que o tema central de toda a entrevista foi a cobrança de coerência do candidato. Em relação ao que é anunciado pelo apresentador na abertura, são abordados temas polêmicos, mas não se toca na questão do desempenho dele em cargos públicos, no caso como governador do Pernambuco.

As perguntas ocuparam, no total, 3m24s e a maior delas foi a primeira, com 40s. É importante explicitar que 37s foram para a apresentadora contextualizar e dar opinião sobre o assunto “economia/orçamento”, como, por exemplo, quando ela diz “essas promessas se chocam, se batem”, citando análises de economistas, sem citar a fonte. Outra observação é que, na hora de fazer

a pergunta, faz na negativa: “Qual delas o senhor não vai cumprir?”, o que já apresenta um tom de certo confronto com o candidato.

Campos foi interrompido seis vezes, sendo que diversas delas podem ser consideradas desnecessárias. Na terceira pergunta que ainda discute o orçamento, logo no início da resposta, quando o candidato ainda nem tinha começado a desenvolver o raciocínio, a apresentadora o interrompe: “sem o aumento da tarifa”, um complemento desnecessário e sem conexão com o que estava sendo dito. Ainda na mesma pergunta, ela o interrompe de novo, perguntando se 2015 será um ano difícil, quando a própria jornalista já havia afirmado que seria. Entretanto, mesmo com essas interrupções, a entrevista flui naturalmente.

Já na pergunta sobre a participação dele nos governos Lula e Dilma, há também duas interrupções. Na primeira vez, a apresentadora reforça que o candidato demorou quase três anos para sair do governo Dilma e depois enfatiza que foram dez anos de participação nos governos Lula (2002-2010) e Dilma (2010-2014). Ainda nessa pergunta é importante citar que o candidato demonstra que a crítica dele é ao governo Dilma, o diferenciando do de Lula. Entretanto, a apresentadora não leva em conta a opinião do candidato e faz as interrupções colocando os dois governos como se fossem um só. Esse assunto ocupou 2m15s da entrevista.

No entanto, o momento que merece destaque é a pergunta de William Bonner sobre a nomeação da mãe do candidato como ministra do Tribunal de Contas da União (TCU). Ele começa anunciando que vai mudar de assunto, e pergunta se o ato seria ético, se não seria nepotismo. Em seguida,

reforça usando expressões como “trabalho de catequese” para se referir à articulação de bastidores para a nomeação e pergunta se isso é um bom exemplo para o país. Ainda em uma terceira questão sobre o assunto, enfatiza se o candidato não vê nada de errado nesse desempenho pessoal do candidato para indicar a mãe ao cargo. Ainda sobre esse assunto, a apresentadora segue perguntando sobre a nomeação de primos ao Tribunal de Contas do Estado (TCE) de Pernambuco. Esse tema no total ocupou o segundo maior tempo da entrevista, perdendo apenas para as questões econômicas e de orçamento.

A apresentadora Patrícia Poeta fez sete das 11 perguntas. Em relação à postura dos entrevistadores, é importante salientar que, em alguns momentos, houve uma expressão bem pausada durante as perguntas, com gestos significativos, podendo caracterizar que os dois apresentadores queriam afirmar e reafirmar um ponto de vista, em especial Patrícia Poeta, que, por exemplo, gesticula a mão de cima para baixo quando diz “baixar a inflação”, e meneia as mãos quando diz que as propostas se chocam. Mas, em nenhum momento, percebe-se qualquer atitude de tensão ou indelicadeza. A entrevista termina de uma forma polida, mas séria. “Ok, candidato, acabou o tempo. Obrigada pela sua participação.”

Dilma Rousseff – 18.08.2014

A terceira entrevista, com a candidata Dilma Rousseff (PT), aconteceu no dia 18 de agosto, ou seja, seis dias depois da entrevista de Eduardo Campos e cinco dias após o acidente trágico que tirou a vida do candidato do PSB. Além da interrupção da série, outra diferença dessa entrevista é que foi feita no Palácio do Planalto, e não na bancada do JN.

A entrevista, que durou 15m52s, foi composta de apenas cinco perguntas e três temas – corrupção, saúde e economia – além das considerações finais. As perguntas foram assim distribuídas:

- Três perguntas sobre corrupção, abordando o que o apresentador chamou de “descuido do PT em relação à questão ética”, questionamento sobre a forma da atual presidente trocar os ministros e como o partido dela tratou os condenados do mensalão (tempo: 7m14s);

- O tema seguinte foi a questão da saúde. Depois de apresentar dados, a jornalista pergunta se 12 anos não foram suficientes para que os petistas pudessem resolver os problemas da área de saúde (tempo: 4m28s);

- Na pergunta que tratou de economia, o apresentador expõe o que considera uma contradição no discurso de Dilma, que culpa a crise internacional e considera analistas pessimistas em relação a 2015. Ao final, ele questiona se o governo dela não tem culpa pelo mau desempenho da economia (tempo: 3h09s);

- Considerações finais/propostas – 1m.

Nessa entrevista, das cinco perguntas, apenas uma foi feita por Patrícia Poeta, referente à saúde. Mas é exatamente nela que residiu, talvez, a maior parte das críticas à condução, começando pela forma como a apresentadora inicia ou faz a ligação com o assunto anterior. “Corrupção não é o único problema”. No meio da resposta, a apresentadora pede para fazer um adendo, mas a candidata continua falando.

Na sequência, Patrícia Poeta interrompe e pede novamente para fazer um aparte, mas, na verdade, reforça a pergunta, ignorando tudo o que a candidata estava explicando até então, quase que em um tom de

interrogatório: “A senhora diria que, então, diante dos nossos telespectadores, que hoje enfrentam filas e filas nos hospitais, muitas vezes são atendidos em macas, que muitas vezes não conseguem fazer um exame de diagnóstico, que a situação da saúde no nosso país hoje é minimamente razoável, depois de 12 anos?”.

Nesse momento, o enquadramento é fechado na apresentadora que arruma o cabelo atrás da orelha. Ela não olha para a presidente e sim para a câmera. Só depois olha para Dilma e, na sequência, coloca o dedo em riste e enfatiza o tom de voz ao dizer “depois de 12 anos”. Nesse momento, corta-se para a câmara aberta.

A candidata tenta continuar respondendo, mas a apresentadora a interrompe com a seguinte frase, construída de forma pausada, em um tom que pode ser considerado irônico ou até sarcástico: “É que a colocação, candidata, era 12 anos, 12 anos de governo, três mandatos. Mas o Bonner quer falar sobre economia”.

No geral, em relação à condução dos apresentadores, Patrícia Poeta participa pouco, mas faz interrupções e gesticula de maneira nervosa durante as respostas da candidata. É agressiva e irônica em sua pequena participação. Já William Bonner se apresenta mais tranquilo durante toda a entrevista. Ele só se irrita no fim, quando Dilma não quer parar de falar da saúde. Insiste, então, que precisa falar de economia. “A senhora já respondeu à Patrícia que não, não é minimamente razoável. A senhora disse isso.” A colocação é feita em um tom ríspido e dando a última palavra sobre o assunto de uma forma que descontextualiza a afirmação feita pela candidata anteriormente.

A entrevista é ruim, truncada, parte por responsabilidade dos entrevistadores, que

não apenas confrontam, mas interrompem o tempo todo querendo buscar as respostas que desejam, mas também por responsabilidade da presidente, que não respeita pausas e insiste em continuar respostas mesmo quando interrompida e dá margem à agressividade do discurso dos entrevistadores.

Foram ao todo 13 interrupções, sem contar aquelas em que a presidente não parou, mesmo com os apresentadores falando ao fundo. A resposta referente à saúde foi a que sofreu mais interrupções, enquanto a candidata apresentava dados positivos do que foi feito em seu governo e explicava que o problema da área é crônico.

O tempo usado para realizar as perguntas ocupou 3m51s da entrevista. Entretanto, se fossem consideradas as interrupções, esse tempo seria razoavelmente maior. A maior pergunta foi referente à economia, 1m16s, dos quais 50s foram para o apresentador dar números e contextualizar o assunto. Novamente, não há citação da fonte das informações e Bonner faz uma interpretação dos dados, conduzindo-se à pergunta, feita nos últimos 26s, terminando da seguinte forma: “O seu governo não tem nenhum papel, nenhuma responsabilidade nos resultados que estão aí?” Mais uma vez, usa-se o artifício de fazer a pergunta na negativa, dando ênfase para o não, como já havia ocorrido nas duas entrevistas analisadas anteriormente.

Marina Silva – 27.08.2014

A quarta e última entrevista da série foi com a candidata Marina Silva (PSB), em um total de 15m6s. Os temas podem ser divididos em três partes:

- A primeira parte, composta por três perguntas realizadas por William Bonner, questiona sobre as irregularidades do

avião utilizado pelo então candidato da chapa, Eduardo Campos, no acidente que resultou em sua morte² e o quanto essas possíveis irregularidades não dialogam com o rigor ético do discurso da atual candidata. Na primeira pergunta, ele indaga se Marina conhecia a procedência do avião. Na segunda, primeiro ele afirma que o discurso de desconhecimento sustentado por Marina é muito comum na “velha política” que ela combate e questiona o que, então, a diferenciaria. A terceira e última pergunta sobre o tema insiste no questionamento da contradição entre o discurso de rigor ético feito por Marina e o desconhecimento que ela afirma ter em relação ao avião (5m48s);

- No segundo tema da entrevista, a apresentadora faz uma analogia entre o berço político da candidata (o Acre) e o desempenho dela na região nas eleições de 2010 (tempo: 4m15s);

- Sobre o terceiro tema (cobrança de coerência), são feitas duas perguntas. A primeira é referente às contradições/pragmatismo na chapa da candidata, especialmente em relação ao vice Beto Albuquerque. Dando sequência, a segunda pergunta cobra da candidata que, quando a união de opositos a envolve, ela considera que é em prol do país. Já quando essa união é entre adversários, ela a rotula de “velha política” (Tempo: 3m46s);

- Considerações finais/propostas (tempo: 1m14s).

O primeiro assunto conduzido pelo apresentador, a partir das irregularidades do avião, aborda a questão ético/moral da “nova política” e a contradição com o discurso da chamada “velha política”. Embora de forma mais calma e pausada, já que o início da entrevista foi muito tranquilo, nesse tema já aparece a primeira interrup-

ção: “A senhora sabia dos laranjas? Essa informação foi passada para a senhora como candidata à vice-presidência?” Esse assunto tomou mais de um terço da entrevista.

Marina Silva foi interrompida sete vezes, além das tentativas sem sucesso dos apresentadores, quando ela continuou falando. Mas, na segunda pergunta, sobre berço político, a candidata é interrompida e, pode-se dizer, até hostilizada pela apresentadora. A primeira das três interrupções ocorre logo no início e é feita pelos dois apresentadores ao mesmo tempo. As interrupções feitas por Patrícia Poeta apresentam juízo de valor, o que incomodou a candidata.

A própria forma de elaboração da pergunta já demonstra o confronto. A apresentadora faz uma análise sobre o resultado das eleições presidenciais de 2010 de forma até prolixa para reforçar uma posição: “O seu desempenho no seu estado, o Acre, onde a senhora fez toda a sua carreira política, onde as pessoas conhecem muito bem a sua forma de atuação e onde suas ideias e as suas ações são de conhecimento amplo por parte dos eleitores, a senhora tirou terceiro lugar”. Na sequência, faz efetivamente a pergunta: “Aos eleitores dos outros estados do país que não a conhecem tão bem, como é que a senhora explicaria essa desaprovação clara no seu berço político?”

A candidata explica o contexto, fala das forças políticas de direita do Acre, do fato de seu partido, naquela eleição (PV), ser pequeno em relação aos outros (no caso PSDB e PT), mas a apresentadora parece não ouvir e apenas reforça com interrupções uma linha de pensamento que parece que já estava pronta e não se aceitava mudança. Muito parecido com o que havia

²Segundo informações do site G1, de 26.08.2014, documentos obtidos pelo Jornal Nacional mostram que empresas fantasmas pagaram a empresa dona do avião em que morreu Eduardo Campos. Extratos bancários mostram que a empresa AF Andrade, que segundo a Agência Nacional de Aviação Civil (Anac) é a proprietária da aeronave, recebeu R\$ 1.710.297,03, supostamente pagos para comprar o jato. As transferências vieram de seis pessoas físicas e jurídicas, e, entre estas, há empresas mantidas em endereços onde funcionam uma peixaria, uma residência, uma sala vazia e uma casa abandonada em Pernambuco. Disponível em <http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/noticia/2014/08/firmas-fantasmas-pagaram-empresa-dona-do-aviao-de-eduardo-campos.html>. Acesso em 25 out 2014.

sido feito no dia anterior com a candidata à reeleição, na discussão sobre a saúde.

Na segunda interrupção, a apresentadora chega a dizer: “Não seria como se os acreanos estivessem dizendo uma variação daquele velho ditado: ‘Quem não a conhece que vote na senhora?’”. Nesse momento, mantendo a calma, a candidata questiona o conhecimento da jornalista sobre o contexto político do Acre. Depois, Patrícia Poeta a interrompe de maneira ainda mais ríspida: “A culpa é dos acreanos, então?”, buscando simplificar de um jeito irônico a justificativa da candidata. Ainda nessa pergunta, em dois momentos diferentes, ao indicar uma necessidade de encaminhamento e “explicar” que haveria tempo para propostas ao final, a entrevistadora exibe um sorriso em um tom que pode ser considerado desrespeitoso.

Na entrevista realizada com Marina, das seis perguntas, cinco foram feitas por William Bonner. O tempo total das questões foi de 4m05s, sendo que a maior delas, com 56s, foi referente ao vice Beto Albuquerque. Nessa pergunta a contextualização ocupou 34s e a pergunta efetivamente 18s.

No que se refere à condução dos apresentadores, William Bonner mantém um tom de tranquilidade e respeito durante quase toda a entrevista, embora tenha interrompido e confrontado a candidata muitas vezes. Já o mesmo não se pode afirmar em relação a Patrícia Poeta, que expressa nos gestos, no tom de voz e no olhar um tom de “desdém” em relação à candidata, em sua única participação com pergunta.

A comparação das entrevistas

A forma de elaboração das perguntas, em todas as entrevistas, obedeceu a um padrão. O tom de confronto marcou a

abertura de todas e manteve-se, embora com maior ou menor grau dependendo do entrevistado, principalmente no que diz respeito à postura corporal e gestual dos entrevistadores, com destaque nesse ponto para a entrevista com a candidata Dilma, na qual havia um tom de irritabilidade mais aparente, em contraponto com o final sorridente da entrevista de Aécio Neves.

As perguntas são longas, nas quais os apresentadores fazem um preâmbulo, com informações de analistas, muitas vezes sem citar fontes, e emissão de opinião e juízo de valor, antes de realizá-las efeti-

Quadro resumo das entrevistas

Candidato	N. de Perguntas	Tempo	Interrupções
AÉCIO	10	4’03”	4
CAMPOS	11	3’24”	6
DILMA	5	3’51”	13
MARINA	6	4’05”	7

vamente. Abaixo o quadro comparando as quatro entrevistas:

Em diversas vezes, a pergunta é feita de forma negativa, com ênfase para o advérbio “não”: “O senhor não vai fazer essas medidas que os economistas defendem?”, para Aécio Neves; “Qual delas o senhor não vai cumprir?”, para Eduardo Campos; “O seu governo não tem nenhum papel, nenhuma responsabilidade nos resultados que estão aí?”, para Dilma Rousseff; e “Não lhe faltou o rigor que a senhora exige dos seus adversários?”, para Marina Silva.

Na entrevista de Aécio, o maior tempo foi ocupado pela discussão sobre a construção do aeroporto em Cláudio-MG (4m18s). Já com Eduardo Campos, as questões econômicas ocuparam o maior

tempo (4m38s), embora esse tempo tenha sido quase o mesmo que ocupou a questão da nomeação de sua mãe ao TCU e de primos ao TCE de Pernambuco (4m05s). Na entrevista com Dilma, o tema prioritário foi a corrupção (7m14s) e, na de Marina, foram as questões referentes à irregularidade do avião (5m48s).

As questões econômicas com enfoques diferenciados estiveram presentes nas entrevistas, exceto na de Marina Silva, que não foi questionada sobre esse assunto ou qualquer outro que abordasse as questões macro, de responsabilidade do Governo Federal.

A saúde apareceu apenas nas entrevistas de Dilma Rousseff e Aécio Neves. Projetos sociais apenas foram debatidos com Aécio Neves. Vale destacar que a segurança, tema de extrema relevância para nosso país; educação, questão de fundamental importância para o desenvolvimento de qualquer sociedade; e mesmo as relações exteriores, ou seja, a forma como o país é visto hoje na comunidade internacional, não estiveram presentes em nenhuma das entrevistas.

Por fim, destaca-se que Dilma Rousseff só foi avisada que o tempo estava acabando aos 14m34s, enquanto os outros três receberam o aviso antes de completar os 14m, ou seja, minuto final, destinado às propostas de cada um (Aécio Neves foi avisado aos 13m53s; Eduardo Campos, aos 13m58s; Marina Silva, aos 13m57s).

Considerações finais

Não se nega a importância dos entrevistados como fios condutores para a informação, mas neste caso eles se tornaram personagens principais, condenadores, como se estivessem em um tribunal, acima do bem e do mal. O tribunal era o tele-

jornal. E respondendo à pergunta feita no início deste artigo, se o telejornal não é um lugar adequado para julgamentos, também não o é para entrevistas dessa complexidade, dessa importância, com os candidatos à presidência da República.

Tais entrevistas não deveriam ser realizadas no Jornal Nacional, um telejornal informativo, com duração de cerca de meia hora, com o objetivo de levar as notícias do Brasil e do mundo aos telespectadores do país. Ora, esse entendimento exposto aqui é reafirmado pela nota oficial emitida pela emissora, quando se concluiu a análise apresentada neste artigo, entre o primeiro e o segundo turno:

A Globo comunica que, embora os candidatos tenham concordado em ser entrevistados pelo Jornal Nacional nos dias 20 e 21 de outubro, foram feitos pedidos quanto ao tempo e formato das entrevistas: postulava-se que a duração da entrevista excluísse o tempo das perguntas. Não foi possível se chegar a um acordo porque o tempo de produção do telejornal (excluídos os anúncios comerciais), com o horário eleitoral obrigatório, é, em média, de 21 minutos. Sendo assim, as entrevistas não se realizarão.³

Observa-se que o tempo das perguntas foi o motivo do cancelamento. Nas entrevistas realizadas no primeiro turno, as quais foram analisadas neste artigo, a primeira questão a ser considerada é exatamente a média de tempo utilizado foi para as perguntas (26%). Assim, mesmo sem contar as interrupções, os apresentadores estiveram longe da pretensa objetivida-

³Nota oficial da Rede Globo publicada no jornal Folha de S. Paulo em 15.10.2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1532837-apos-impasse-globo-cancela-entrevistas-com-aecio-e-dilma-no-jn.shtml> Acesso em: 16 out 2014.

de pregada no jornalismo. Além disso, as “aberturas”, antes de se chegar às perguntas de fato, muitas vezes não eram feitas com dados ou informações, mas, sim, baseadas em juízo de valor. E em outros casos apresentavam opiniões de analistas, economistas, sem dizer quem eram ou, pelo menos, a quais instituições ou órgãos pertenciam.

No entanto, é preciso salientar que o padrão das perguntas não pode ser considerado tão diferente de um candidato para outro. O que realmente deve ser destacada é a expressão verbal e corporal dos apresentadores. Os gestos, os consentimentos, o tom de voz, ora com rispidez, ora com gentileza e até o sorriso fizeram a diferença.

As interrupções também merecem destaque. Com elas, os jornalistas praticamente transformaram as entrevistas em debates. E aí o diferencial fica evidente, não só na entrevista de Dilma Rousseff, que, sem dúvida, foi a mais enfática por parte dos apresentadores, mas também na de Marina Silva. Na primeira prevaleceu a raiva; na segunda, o desdém, ou seja, um desprezo com arrogância.

No segundo turno, contrariando as pesquisas que indicavam Marina Silva para o embate, estiveram Dilma Rousseff e Aécio Neves. Aliás, disputa que possivelmente será objeto de muitos estudos na área da comunicação e, em especial, da prática jornalística.

Referências bibliográficas

ALTMAN, Fábio. **A arte da entrevista, uma antologia de 1823 aos nossos dias**. São Paulo: Scritta, 1995.

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica: História da Imprensa Brasileira**. São Paulo: Ática, 1990.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA Paulo R. **Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BONNER, William. **Jornal Nacional: modo de fazer**. Rio de Janeiro: Globo, 2009.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2008.

PEREIRA JR.; Alfredo E. Vizeu. **Decidindo o que é Notícia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.